

Viagem às entranhas de um país

■ Há 14 meses, fotógrafo e jornalista fazem a redescoberta de um Brasil que abriga a esperança e a devastação

Fotos de Orlando Azevedo

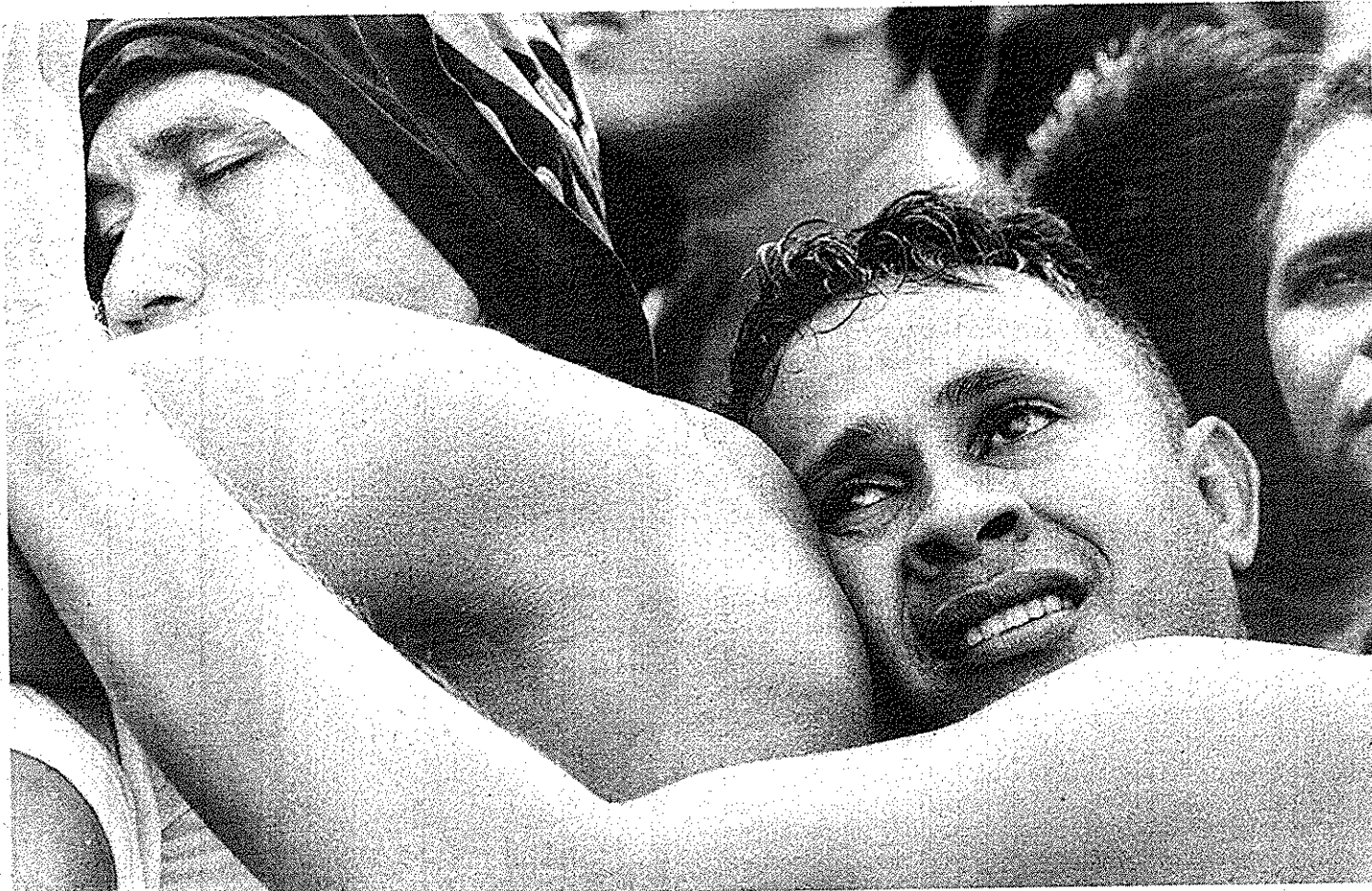
LENA FRIAS

A expressão de fé e quase auto-flagelação dos homens crentes e suados na Festa do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, ou o andarilho em sua peregrinação solitária numa estrada do Centro-Oeste. Tem mais. O olhar esperançoso do seringueiro, a onça pintada surpreendida numa estrada do Pantanal, o banho da menina índia ou a simplicidade do carvoeiro paraense. São alguns dos muitos flagrantes captados pelo esportista e jornalista Fabiano Camargo e pelo fotógrafo Orlando Azevedo, na viagem que iniciaram há 14 meses. Dentro do projeto "Expedição Coração do Brasil" eles fotografam rostos e gestos para através deles conhecer as entranhas do país. "Estamos percorrendo as artérias do Brasil para documentar o seu pulsar", diz Fabiano. "Os grandes centros urbanos não nos interessam porque eles têm a mesma cara capitalista e selvagem", complementa Orlando.

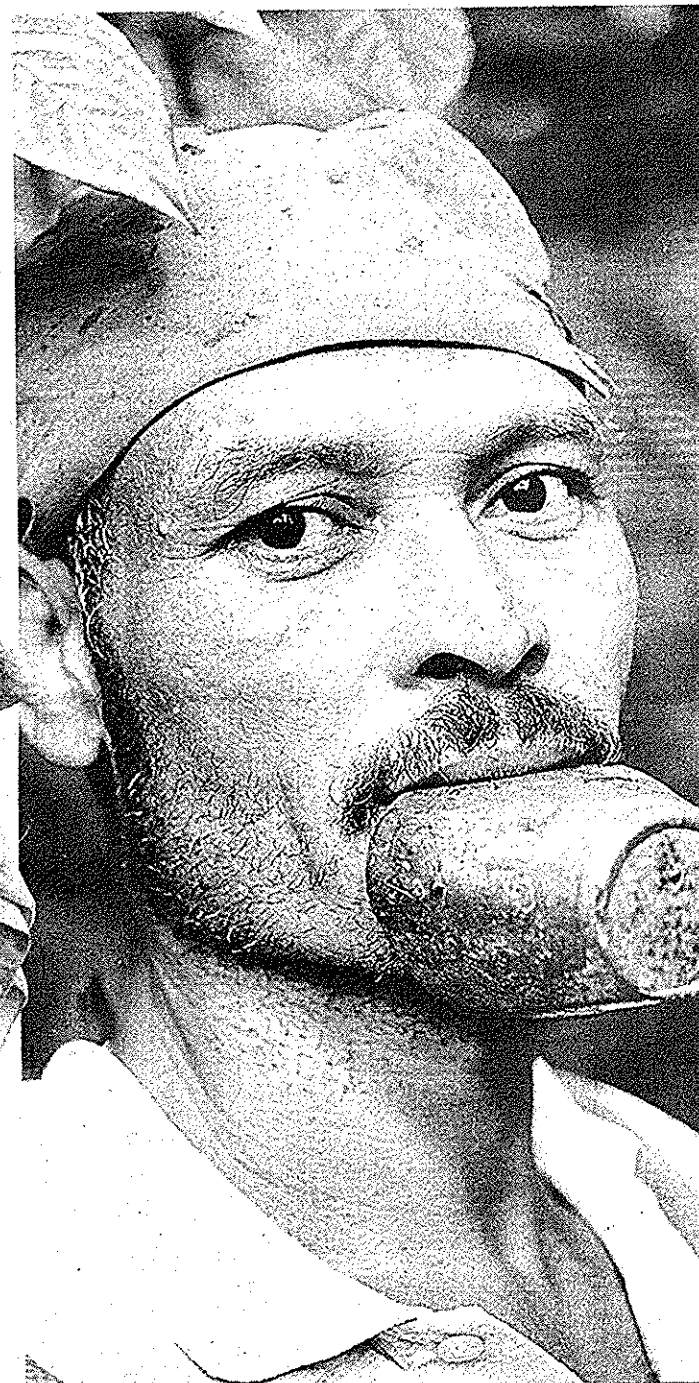
Heróis – O brasileiro cujos traços Fabiano Camargo e Orlando Azevedo foram descobrindo ao longo das trilhas é, para eles, um herói de dimensões quase míticas. Corporificado no carvoeiro modesto, no garimpeiro, no seringueiro, nos boiadeiros e caboclos, caminhoneiros e ribeirinhos, marinheiros e caçadores, pessoas simples que com eles dividiram a farinha, o feijão e a carne de caça, enquanto contavam suas sagas e histórias.

Orlando e Fabiano bancaram a maior parte das despesas da *Expedição Coração do Brasil*. "Patrocínio para projetos ligados à cultura e às paisagens brasileiras são sempre difíceis", observam. A Kodak entrou, porém, com equipamentos e serviços fotográficos e a Fundação Boticário com apoio financeiro. O que não faltou foi a simpatia incondicional do povo simples. "Gente entregue à própria sorte, de um Brasil ainda arcaico, distante dos centros de poder, cujo funcionamento nem mesmo entende".

Devastação – Um choque foi a sistemática devastação da natureza, ainda maior do que se imagina, as queimadas se estendendo do Centro-Oeste ao alto Norte. "Na medida em que subíamos cada vez mais para o Norte – Mato Grosso, Rondônia, Amazônia – nos assustávamos com a forma crua e imbecil de destruição, estabelecida em prol de um desenvolvimento assassino. A cada passo do caminho, eram árvores



A fé misturada ao sofrimento dos homens na Festa do Círio de Nazaré, em Belém, é um dos flagrantes captados na viagem



queimadas, retorcidas no último lamento, a paisagem do carvão, que é o holocausto do próprio homem. Uma indústria de destruição", indigna-se Orlando.

"A Amazônia já está internacionalizada, graças às ONGs estrangeiras que lá funcionam. No Estado do Amazonas há 70 delas somente atuando junto aos índios", advertem, sobre a inquietante presença internacional na região. Para Fabiano "em parte é culpa da incomplicidade de órgãos como a Funai e o Ibama, que acabam abrindo caminho para um tipo de atividade, que a gente não sabe muito bem qual é nem qual o objetivo".

Convívio – Mas viagem é também, e principalmente, prazer: a descoberta de regiões belíssimas, muitas ainda inexploradas, as cavernas e lagos subterrâneos, a escalada do monte Roraima, já na fronteira com a Venezuela, e do pico da Neblina, ponto culminante do país, com 3014 metros: "Mas o tempo todo a carga de emoção pelo contato e o convívio com a realidade foi mais forte".

Na Amazônia, surpreenderam-se com a bizarra prática das prostitutas locais: elas prendem suas pequenas canoas nos grandes barcos que singram os rios, a fim de subir a bordo e oferecer seu serviços, em troca de óleo queimado para o lumes dos candeeiros. "Elas jogam cordas e laçam as balsas que navegam em velocidade muito superior às suas embarcações. As canoas parecem surfar, arrastadas pelos barcos".

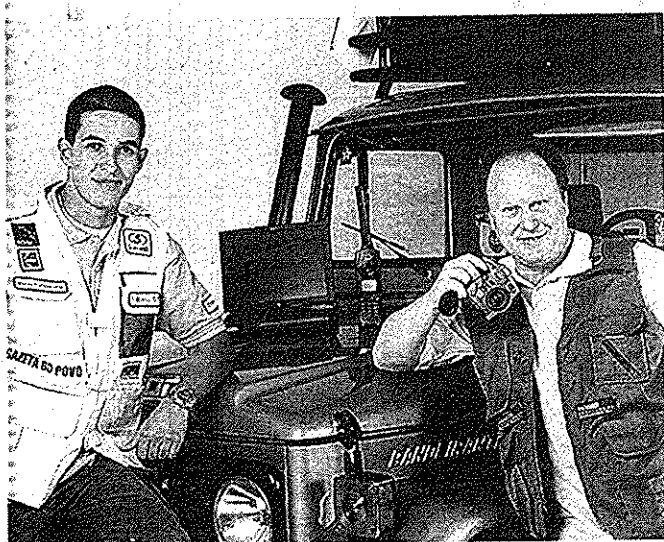
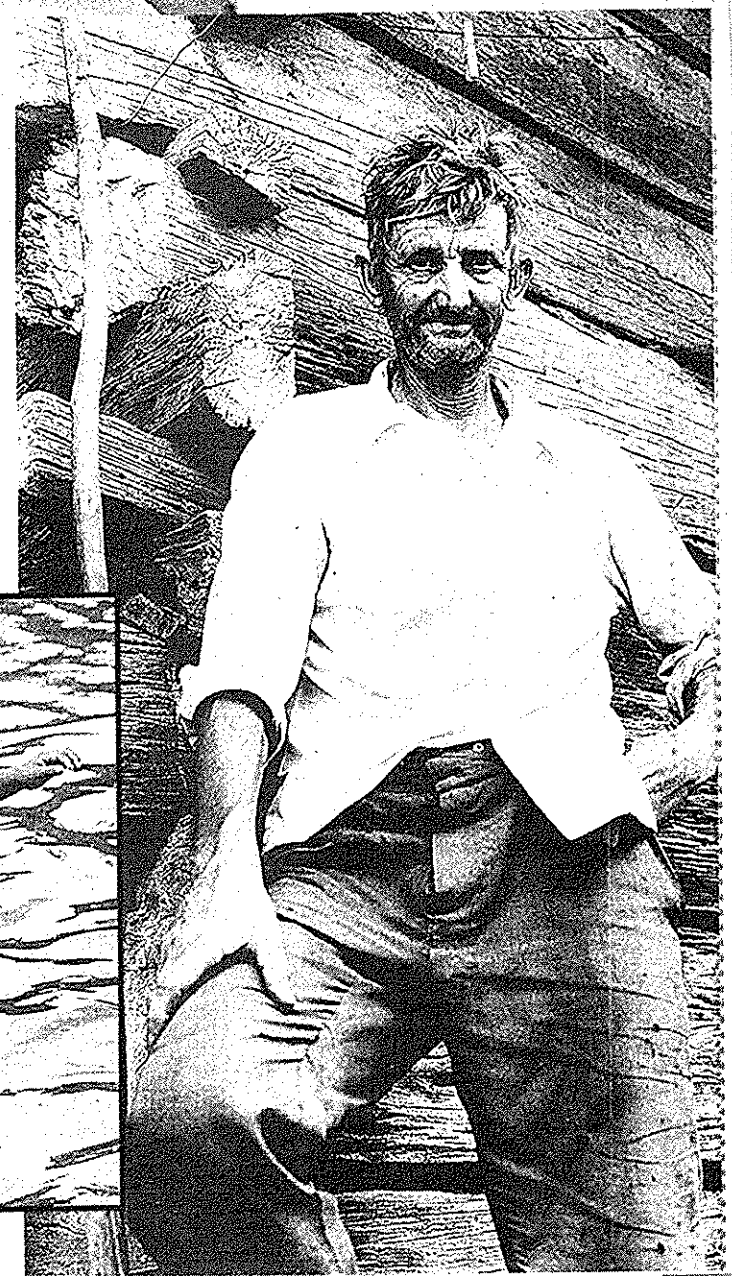
Árvores – Em Paragominas, no Pará, "a linha de montagem da destruição é ativa, embora a região já esteja decadente, de tanta árvore que cortaram". A corrupção também prossegue, impune. O encarregado de uma das muitas madeireiras locais contou que quando os fiscais aparecem "nós organizamos uma caixinha e negociamos com eles".

As carvoarias clandestinas continuam também engolindo trabalhadores-escravos, crianças em grande número. "Encontramos famílias inteiras morando junto aos fornos incandescentes, o que é proibido. Homens, mulheres e crianças queimando-se ao lado do forno, cobertos de fumaça negra, queixando-se de dor de cabeça mas, ainda assim, trabalhando", emocionam-se, mais uma vez, os viajantes.

A fase recém-encerrada detalhou o Sul, Centro-Oeste e Norte. Na etapa final, com duração prevista de oito meses, o projeto cobrirá Nordeste e Sudeste. Da experiência toda resultarão três livros de arte – *O homem, A terra e O mito*, além de exposições fotográficas e multimídia em treze capitais, entre elas, Rio, São Paulo, Brasília e Curitiba, cidade onde residem os exploradores.



O andarilho no centro-oeste, o seringueiro na Amazônia (alto), a onça-pintada, o banho da menina índia e o carvoeiro de Mato Grosso do Sul são imagens de um país que está acima de todos os contrastes



Orlando Azevedo (E) e Fabiano Camargo viajam pelo interior do país registrando o cotidiano brasileiro

